



Violência contra a mulher na mídia: razão e emoção no documentário “Crimes de honra”¹

Lilian Crepaldi²

Mestranda em Ciências da Comunicação - Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes

Lideli Crepaldi³

Professora da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Imes) e do Centro Universitário Fundação Santo André (FSA).

Resumo

O presente trabalho aborda um caso máximo de violência contra mulher: os chamados crimes de honra. São mulheres que são mortas pela própria família por transgredirem certas leis da sociedade, como fugir ou recusar um casamento. Por meio de uma análise de conteúdo do documentário *Crimes de Honra*, buscamos localizar a presença da razão e da emoção no referido documentário, partindo de conceitos filosóficos. Também visamos compreender como os jogos de linguagem presentes no documentário enfeitam a realidade com o objetivo de comover e emocionar o público.

Palavras-chave

Documentário; Islamismo; Crime de Honra; Mulher

Introdução

Os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 despertaram uma consciência global da situação de penúria e sofrimento vivido por milhões de pessoas no mundo muçulmano. No caso específico das mulheres, o Ocidente se abismou ao vê-las cobertas por véu, trancafiadas em suas casas e sem poder expressar seus sentimentos, como gritos mudos esperando para serem ouvidos. No entanto, a imagem destas mulheres foi inúmeras vezes deturpadas pela imprensa e os dogmas do islamismo foram tidos como os responsáveis pela posição submissa destas mulheres nesta sociedade.

Diversos aspectos da realidade destes povos muçulmanos nada ou pouco tem a ver com as dimensões religiosas, mas sim com práticas histórico-culturais. Um destes

¹ Trabalho apresentado ao TLC - Seminário de Temas Livres em Comunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação da Intercom.

² Mestranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP). Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Metodista de São Paulo e em História pela Universidade de São Paulo. E-mail: liliancrepaldi@uol.com.br. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq-Brasil.

³ Mestre em Administração de RH - UMESP e Mestre em Administração em Gestão da Regionalidade e das Organizações - IMES. Doutora em Ciências da Religião - UMESP. Professora Universitária IMES e FSA. Professora de Pós-graduação Lato Sensu em Comportamento do Consumidor – FSA. E-mail: lideli@uol.com.br.



aspectos são os crimes em defesa da honra cometidos contra mulheres, cujos assassinos são os próprios parentes, geralmente pais e irmãos. Muitas vezes, estes crimes são praticados em comunidades pobres, que prezam a honra e a imagem da família mais do que a integridade física dos parentes. Quando alguma destas mulheres transgride as leis destas sociedades, fugindo de casa ou recusando-se a casar com quem foram prometidas, os parentes não hesitam em matá-la e o fazem de maneira bastante racional, desconsiderando apelos desesperados das mulheres que os “desrespeitaram”. Apesar de ser contra a lei, muitos preferem passar anos de suas vidas na prisão do que terem sua honra perdida perante a comunidade.

O presente trabalho tem como objetivo principal avaliar as questões referentes à presença da razão e da emoção no relato referente aos crimes de honra praticados contra mulheres. Para tanto, realizaremos uma análise de conteúdo de cenas do documentário *Crimes de Honra* (produzido, dirigido e escrito por Shelley Saywell) abordando a história de mulheres muçulmanas, da Jordânia, Cisjordânia e outros locais, que foram mortas pela própria família.

A análise de conteúdo do documentário “Crimes de Honra” tem como justificativa um estudo que possa mostrar quais são os limites entre a emoção vivida por seus personagens, bem como a roupagem dada ao fato para que ele fosse apresentado na televisão. O estudo dará a oportunidade ao espectador do documentário de verificar os pontos onde a cobertura dos fatos foi emocional e tomar consciência de que não existe jornalismo totalmente imparcial. Tendo visto estes aspectos, o espectador poderá identificar os jogos de linguagem presentes no documentário, que podem ter enfeitado a realidade com o objetivo de comover e emocionar o público (SILVA, 1999). Assim, ele poderá se aproximar mais do fato real e evitará reações emocionais que podem, muitas vezes, levar o espectador a ter uma visão rígida sobre o assunto, podendo até resultar na “cegueira sob um aspecto”, caso o espectador não tenha conhecimento empírico sobre o tema.

Procuraremos mostrar que os crimes contra estas mulheres não são praticados em nome das normas da religião, mas sim por causa de aspectos culturais de sociedades pobres e subjugadas. São crimes cometidos em nome da honra da família, e não do Islã. A grande indagação que nos propusemos a responder foi: diante dos fatos (assassinatos das mulheres) qual é a reação das diferentes pessoas envolvidas direta ou indiretamente no caso no que diz respeito à presença de razão e emoção? O tom da narração, as imagens, as expressões e, sobretudo, a fala das personagens responde por si só.



Metodologia: a Análise de Conteúdo

O método que utilizamos para a realização do trabalho foi a análise de conteúdo que visa analisar o conteúdo das mensagens veiculadas nos meios de comunicação. Esse método de estudo nasceu e se desenvolveu na escola funcionalista dos Estados Unidos e teve como precursor Lasswell que, em 1927, estudou a propaganda da I Guerra Mundial (WIMMER, 1987).

Essencialmente, a análise de conteúdo consiste no conjunto de técnicas de análise das comunicações e procura obter a descrição minuciosa dos conteúdos das mensagens e indicadores que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens. A análise de conteúdo é uma técnica que permite realizar uma classificação de símbolos e baseia-se no juizado analista (fundamentado numa teoria). A análise busca objetividade na explicitação das regras e dos procedimentos que se utiliza, por meio de estabelecimento de critérios rigorosos de codificação e registro de dados.

Por meio da análise de conteúdo, procuraremos analisar a presença de razão e emoção nas cenas e nos discursos do documentário *Crimes de Honra*. Para tanto, é preciso, antes de tudo, conceituar e definir o que é razão e emoção. Utilizaremos definições da Filosofia por acreditarmos ser a disciplina que melhor engloba as diferentes explicações acerca destes conceitos. O medo, como uma das mais presentes paixões no ser humano, também será discutido.

Razão, emoção e medo

Definir estes conceitos não é tarefa fácil uma vez que ambos possuem diferentes sentidos. A palavra razão vem do latim *ratio* e do grego *logos*, que significam contar, reunir, juntar, calcular, medir (DINES, 2000). No entanto, a palavra, no decorrer da história, foi adquirindo diversos significados. Atualmente, razão é sinônimo de certeza (“Tenho razão”), motivo (“Qual a razão para você desejar isso?”), causa (“Qual a razão disso ter ocorrido?”) ou lucidez. Estudaremos razão neste último sentido, significando lucidez em contraposição à “loucura” ou paixão.

Neste sentido, razão significa a nossa consciência moral e intelectual que seria diferente das paixões e dos sentimentos. Esta consciência é capaz de atividades próprias com seus motivos e razões, sem a interferência das emoções. As atividades movidas pela razão seriam as conscientes intelectualmente enquanto que as atividades de nossa vida emocional são movidas por paixões e sentimentos. A consciência humana seria,



então, a razão. Segundo Chauí (2000, p.58), “a razão, enquanto consciência moral, é a vontade racional livre que não se deixa dominar pelos impulsos passionais, mas realiza as ações morais como atos de virtude e de dever, ditados pela inteligência ou pelo intelecto.”

A razão está relacionada a quatro atitudes mentais: ao conhecimento ilusório, à crença religiosa, ao êxtase místico e às paixões. Considerando que a vontade não é autônoma se estiver imbuída de paixões, o que nos interessa analisar é a inter-relação entre razão e paixão visto a razão ser a atividade ou ação que se opõe às emoções, aos sentimentos, às paixões, que seriam cegas desordenadas e contrárias umas as outras. A paixão não é um componente negativo visto ser a energia movedora do ser humano.

Por outro lado, podemos considerar emoção como derivado de paixão. Esta palavra, por sua vez, vem do grego *pathos* que designa sofrimento, doença, moléstia. No latim, a palavra converteu-se em *passione*, que designa literalmente paixão. Esta teria uma complexa gama de emoções como dor, amor, adoração, êxtase, irreflexão. Sendo a antítese de razão, que seria a consciência e o pensamento, a emoção engloba egoísmo, agressividade, má-fé, crueldade, covardia, impulsos assassinos e tudo aquilo que perturba o juízo trazendo sofrimento e prazer.

Lebrun (1989) considera a paixão um sinônimo de tendência e acrescenta que ela só é provocada pela presença ou imagem de algo que nos leva a reagir, muitas vezes, de improviso. Para o autor, a paixão é o sinal de que vivemos sempre na dependência do “Outro”. Na visão aristotélica paixão é “tudo o que faz variar os juízos, e de que se seguem sofrimento e prazer”. Neste caso, o homem não escolheria suas paixões e nem seria responsável por elas, mas “somente pelo modo como faz que elas se submetam à sua ação”. (LEBRUN, 1989, p.19).

No caso que iremos analisar, vale ressaltar algumas faces da paixão e destacá-la como inerente à personalidade do homem. A paixão só pode ser compreendida como uma tendência implantada na natureza humana. Ela é suscetível a ser educada e somente a educação pode ajudar o homem a dominar suas paixões, utilizando-as adequadamente. Porém, se tomarmos o caso do assassinato das mulheres em nome da defesa da honra *nenhuma conduta é capaz de inibir totalmente as paixões*. A paixão é o que dá estilo à personalidade humana e, apesar de dominável, “não é a violência desencadeada pela paixão que caracteriza o desregramento: é a escolha que se faz de um falso bem de uma vez por todas” (LEBRUN, 1989, p.19). Podemos situar nosso objeto de estudo neste contexto de dominar ou não as paixões. Medo de ficar mal falado e rigidez religiosa



foram alguns elementos que não permitiram aos assassinos o domínio de suas paixões e fizeram com que eles optassem por um “falso bem”.

O medo é uma reação humana universal, explicada biologicamente como sendo um mecanismo de defesa do corpo em caso de perigo. O medo é como uma mensagem do cérebro avisando e preparando o corpo para enfrentar ou fugir de uma "ameaça". É uma das sensações mais típicas, profundas e misteriosas do ser humano. Real ou imaginário, o medo pode tomar conta de nossa vida e fazer dela um pesadelo e/ou uma existência infrutífera. O medo paralisa a vida. Em geral, o ser humano tem medo de tudo: de nós mesmos, dos outros, de perder o que conquistamos, de não conquistar o que ainda não possuímos, da escuridão, das enfermidades, da velhice e da morte.

Temos medo por causa de excesso de zelo em benefício próprio, quando nos consideramos o centro do universo e damos demasiada importância a nós mesmos e a tudo o que somos, fazemos ou temos. Neste sentido, o medo se liga ao instinto de conservação. Deixamo-nos arrastar facilmente por um medo que se torna inquietude, desassossego, ansiedade, aflição e angústia, o que nos faz desistir de muita coisa, e mesmo fugir dos outros, da própria vida. Concordando com Espinosa, Chauí (2000) diz ser o medo, juntamente com o ódio, a mais triste das paixões tristes, caminho de toda a servidão.

Descrição da pesquisa

Para nós, ocidentais, diversos países de cultura islâmica infringem e agridem os direitos humanos e, em especial, os direitos das mulheres. Em alguns desses países, as práticas religiosas, culturais e políticas se confundem e se misturam, o que acaba nos deixando uma impressão distorcida dos diversos aspectos dessa sociedade. Muitas vezes, uma prática cultural não é precedida por uma condição religiosa, e sim por fatores históricos que foram incorporados à sociedade como corretos.

Uma das práticas culturais mais sombrias incorporadas há séculos pela sociedade islâmica são os crimes em defesa da honra cometidos contra a mulher. A mulher tem que se casar com o homem a que foi prometida, caso isso não ocorra, ou seja, se ela infringir alguma “tradição” ou “lei” islâmica, pode ser morta pela família, que alegará defesa da honra, sempre precedida de qualquer sentimento ou ligação emocional relacionada à vítima, independente do seu parentesco. São casos sinistros de pais que matam filhas, de irmãos que estupram e matam irmãs, de maridos que matam

esposas e uma infinidade de outros casos que não são julgados por serem considerados uma prática islâmica legítima.

Diante do fato, encontramos no documentário “Crimes de Honra” uma versão descritiva dessa prática. Através da análise conteúdo, observamos e analisamos a presença ou ausência de razão e emoção no documentário e, em especial, em cada personagem, sua ideologia e o que ele pensa em relação aos crimes. Definimos as cenas (cenas 1, 2, 5, 7, 9, 10 e 13) como unidade geral de análise e consideramos a duração, as frases e as imagens como categorias de análise, sempre enfatizando o que é razão e emoção em cada uma.

Consideramos *Razão* as ações e as ideologias norteadas pela consciência, enquanto que *Emoção* seria os atos e pensamentos movidos pelos sentimentos e paixões. Na categoria duração, analisamos Razão e Emoção pelo perfil dos personagens.

Dividimos os critérios de Razão e Emoção entre categorias de imagem e frase. Em relação à imagem consideramos emocionais as cenas em que aparecem as simulações de Rania escrevendo a carta, já que não se sabe realmente como foi e a reprodução é feita através de vultos, o que confere um aspecto sombrio e misterioso às cenas. Também consideramos emoção as imagens onde fotos das vítimas mortas eram reproduzidas. Em relação aos personagens, estes foram divididos em racionais e emocionais, a partir de seus discursos, expressões faciais, entonação de voz e opiniões que demonstraram ao longo do documentário. Por exemplo, a advogada Asma, devido à indignação e revolta que mostrou perante os assassinatos em nome da honra masculina, foi considerada um personagem emocional. O narrador, ao contrário, foi considerado racional devido ao caráter narrativo de suas falas e também porque ele funciona como pano de fundo no documentário.

As frases foram caracterizadas como emocionais ou racionais a partir de seu contexto narrativo, argumentativo ou opinativo, da adjetivação das frases, o que faria portanto, com que a frase fosse opinativa. A entonação de voz também foi levada em consideração para classificar as frases, já que mesmo uma frase aparentemente racional, dependendo da entonação, ela pode vir a ter caráter emocional. Neste artigo, para efeito de exposição, apenas a cena 7 será apresentada como demonstrativa do processo de análise, mas as conclusões finais serão de todas as cenas estudadas.

<*Sétima cena*> *transcrição*

<*Imagem1: pessoas andando. Imagem2: cidade e crianças correndo*>



<Narrador> Rania Arafat havia rejeitado o primo. Ela fugiu na calada da noite. Todos estavam comentando a história.

<Imagem: vizinho de Rania dando depoimento> A tradição e os costumes permitem que a matem.

<Mulher pergunta> E o que as pessoas falam?

<Vizinho> As pessoas fofocam. Ouvem os fatos dos parentes, vizinhos e amigos, claro.

<Imagem: vizinha novamente> Eles deram um basta. Quando uma moça foge, ela deve ser morta. Não há perdão possível. Não.

<Mulher pergunta> E vocês vizinhos, o que acham?

<Vizinha> Todos nós estamos do lado da família.

<Imagem: sombra de Rania>

<Narrador> No esconderijo, Rania e o namorado não tiveram relações sexuais, na esperança de um dia se casarem. Mas como ela poderia convencer a família?

<Carta de Rania> Eu sei que minha mãe continua rezando por mim. Eu lhe mando beijos mãe. Saiba que ainda sou virgem.

<Imagem1: casa com crianças brincando. Imagem2: senhora olhando para a câmara. Imagem3: repórter falando.>

<Rana Hussein> Todos na cidade souberam que ela fugiu com um homem. Mesmo que seja virgem, não pode provar a eles.

<Imagem da vizinha > Mesmo que dissessem que a nossa filha é virgem, não significaria nada para ninguém.

<Vizinha> Quando uma moça foge assim, a única opção é matá-la.

<Mulher pergunta> Quando deixa a família sem permissão?

<Vizinha> Sim, isso mesmo. Ela deve ser morta.

Na cena 07, o narrador assume um caráter mais literário, narrando a história de Rania e é predominantemente racional. Isto se dá a partir dos depoimentos do vizinho e da vizinha de Rania que, sem levar em consideração o sentimento que tinham por ela, são extremamente convictos e crentes nas suas tradições, agindo segundo elas, mesmo que para isso tenham que passar por cima de seus sentimentos. As expressões destes personagens transmitem extrema frieza e convicção e falam de um assassinato como se estivessem falando de um castigo qualquer. O depoimento e a entonação das palavras da repórter Rana Hussein reforçam o caráter racional da cena.

Análise dos resultados

Os debates levantados pela mídia sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea sempre provocaram inúmeras divergências uma vez que os aspectos histórico-sociais e as especificidades de cada cultura são colocados de lado em detrimento dos interesses dos veiculadores da notícia. Em relação à mulher de sociedades islâmicas, a mídia relaciona qualquer vivência de sua realidade a dogmas religiosos, esquecendo que nem tudo o que ocorre com esta mulher tem cunho religioso. Ao tratar de mulheres católicas, por exemplo, a mídia não enfatiza que aspectos de sua

crença a impeçam da fazer algo, diferentemente ao abordarem mulheres muçulmanas, nas quais todas as proibições seriam advindas de restrições impostas pelo Islã.

É na tentativa de quebrar este mito elaborado pela imprensa, de que a mulher muçulmana não é "nada" além do prolongamento de uma religião "machista e impositora", que nos propusemos a realizar um trabalho analisando o tratamento da mídia em relação a uma situação bastante particular das mulheres nas sociedades islâmicas: os crimes de honra. Esses crimes são praticados por membros da família da mulher, que alegam matar em defesa da honra da família. Quando uma mulher foge, se recusa casar ou transgredir alguma lei da sociedade é legítimo que a honra de sua família seja lavada com seu próprio sangue. A pena para os assassinos é ínfima perante a brutalidade do assassinato cometido.

O documentário *Crimes de Honra* procura traçar um panorama geral do que é esta situação, colocando de lado os aspectos religiosos e enfatizando as particularidades culturais das sociedades. Em geral, estes crimes de honra ocorrem em lugares pobres, na periferia de grandes cidades. São locais onde, como dito pelo narrador, “vizinhos cuidam de vizinhos”, onde a honra é a virtude máxima a ser respeitada por todos.

Frases: Na cena 02 predominam as frases racionais uma vez que ela é introdutória do documentário utiliza uma linguagem mais imparcial possível para enfocar o assassinato de Rania. Já a cena 05 é marcada por frases emocionais, pois nela está presente o depoimento de Asma, advogada que luta pelos direitos das mulheres na Jordânia, e que mostra indignação perante aos fatos e ao depoimento da vizinha de Rania, que faz das tradições antigas, suas leis de vida e também pela maneira que qualificou a vítima. Na cena 07, o narrador assume um caráter mais literário e narra a história de Rania de forma predominantemente racional. A cena como um todo é racional visto os depoimentos do vizinho e da vizinha de Rania que, sem levar em consideração o sentimento que tinham por ela, são extremamente convictos e crentes nas suas tradições, agindo segundo elas, mesmo que para isso tenham que passar por cima de seus sentimentos. O depoimento da repórter Rana Hussein reforçam o caráter racional da cena.

A cena 09 cujo personagem principal é Ahmed, irmão e assassino de Amal, é a que possui maior equilíbrio entre emoção e razão. Em suas frases emocionais, ele descreve seus sentimentos em relação à irmã antes e depois da fuga. As frases racionais são aquelas em que ele narra a história e a morte da irmã. Apesar do equilíbrio, a cena é mais forte emocionalmente, pois o depoimento do irmão mais novo de Ahmed descreve



a situação e os sentimentos dele e da família de maneira sentimental. Asma também se mostra puramente emocional quanto a este caso. Por outro lado, a repórter usa a racionalidade para comentar o caso, sua característica marcante. Já na cena 10 predominam as frases racionais, pois o narrador é quase sempre racional dando um pano de fundo para os depoimentos dos demais. A repórter também assume caráter racional, devido ao tom argumentativo de sua fala. Mas ainda assim, essa demonstração foi consciente. As irmãs da vítima que foi estuprada e morta revelam racionalidade por falar deste caso como se estivessem falando de um assunto qualquer do seu cotidiano.

Na última cena que analisamos, cena 13, o conteúdo é emocional. A tia e o pai de Rania falam pedindo a sua volta para casa de maneira emocional e as palavras da carta de Rania reproduzidas no documentário também são emocionais, pois revelam tudo o que ela sentia enquanto estava escondida. Asma não esconde o choque que o caso provocou em si. As frases emocionais vêm em grande parte do narrador.

Duração: A partir da análise da duração das falas das personagens, de suas expressões e tom de voz, pudemos traçar um perfil de cada personagem e definimos se nele predominava mais a razão ou mais a emoção.

Narrador – Na maior parte do documentário mantém-se imparcial. Por vezes deixa transparecer indignação na por contar as histórias das mulheres assassinadas e traduzir a reação da advogada, professora e repórter diante dos casos.

Rania – Moça de 23 que fugiu de casa 2 semanas antes do casamento por não querer se casar *obrigatoriamente* com o primo. Foi morta pelo irmão. A personagem se encontra angustiada e desamparada por causa da situação em que se encontra. Tudo o que ela quer é se reconciliar e reencontrar a família. Sem recursos, vai a um programa de televisão, onde a família garante que não fará nada com ela, que só querem ela de volta. Tragicamente, a poucos metros de sua casa, é assassinada a tiros pelo irmão.

Alma – Moça que queria liberdade, viver do jeito dela, namorar e não usar xador. O novo estilo de vida ia contra os costumes da família e contra a tradição islâmica. Perdeu a virgindade antes do casamento e fez uma operação para reconstituir o hímen, em seguida é obrigada a se casar com um amigo do irmão. Seis meses depois do casamento foge e na volta, o irmão Ahmed, que apesar de amá-la e ser muito amigo dela, mata-a estrangulada.

Estudante de 16 anos – A vítima não é identificada no documentário. Foi estuprada por um irmão e degolada por outro. Aparentemente não havia feito nada que contrariasse os costumes e tradições da família.



Asma Kater – Advogada que luta pelos direitos das mulheres na Jordânia. Presta serviço social (uma espécie de amparo não oficial) para mulheres que fugiram de casa e temem por suas vidas. Luta para mudar o código civil que permite os crimes praticados contra a mulher em defesa da honra. Enfrentou Ahmed no tribunal e conseguiu que ele pegasse pena de 8 anos pelo assassinato da irmã.

Rana Hussein – Repórter que divulga na imprensa os crimes cometidos contra a mulher na Jordânia. Já ganhou prêmios internacionais, é sensata e coesa, sempre enfatiza que a condição social é um fator marcante nos costumes da família.

Vizinha de Rania – Pode ser traduzida como a voz do conservadorismo e reacionismo islâmico. Defende e apóia o assassinato de mulheres em defesa da honra. É muito feia, gorda e não possui a maioria dos dentes.

Vizinho de Rania – Possui a mesma opinião que a vizinha. É consciente que “vizinhos tomam conta de vizinhos” e é totalmente a favor dos crimes em defesa da honra.

Tia e pai de Rania – Em um programa de televisão contatado por Rania, garantem que não irão matá-la e que ela pode voltar para casa. Infelizmente, minutos antes do reencontro, o irmão a mata a tiros.

Ahmed – Irmão mais velho de Amal que a matou estrangulada. É professor de inglês, casado e tem uma filha. Era muito próximo da irmã, se davam bem e sempre conversavam sobre suas vidas. Tem plena consciência que a sociedade é machista e injusta com as mulheres, mas a tradição e os costumes prevalecem em suas falas. Para ele, só existe uma saída para as mulheres: o casamento. Defende e apóia os crimes em defesa da honra e acha que se tentarem mudar o código em defesa da honra, os crimes continuarão e não cessarão mesmo se punirem os assassinos. Enfrentou Asma no tribunal e pegou 8 anos de prisão junto com o pai pelo assassinato da irmã. Foi uma causa ganha por Asma.

Irmão mais novo de Ahmed – Sente falta da irmã, do pai e do irmão. Possui a mesma opinião que a do irmão.

Imagens: O total das cenas demonstra que as imagens do documentário são predominantemente racionais. Isso se deve, em maioria, porque a cena que mais tem imagens é a nove e esta cena é a que descreve o caso de Amal contado por Ahmed, irmão dela. Ahmed é predominantemente racional em seu depoimento e as cenas que o mostram em deixa isso claro por meio de suas expressões e entonação de voz. As imagens exteriores da prisão e da cidade de Amã têm como objetivo a contextualização

do caso, por isso, também tem caráter racional. As imagens emocionais desta cena ficam por conta da família de Amal, que deixa explícita a sua tristeza e as fotos de Amal quando, viva que pretendem comover o público ao observar o rosto da vítima.

A primeira cena do documentário também tem características racionais, devido ao caráter introdutório que ela apresenta. A maioria das falas desta cena é do narrador, que é predominantemente racional.

A razão é explícita na cena sete pelas imagens que mostram a cidade de Amã e a vila de Rania. Também porque a partes principais da cena são os depoimentos da vizinha e do vizinho de Rania. As expressões e a frieza que eles mostram ao se referirem a Rania dão racionalidade a cena.

As imagens da repórter dando características gerais dos casos de crime de honra e, especificamente, sobre o caso de Rania, tornam a cena racional. Apesar da racionalidade estar presente nas cenas, a emoção também pode ser facilmente encontrada. A cena dois, por exemplo, apesar de ter frases racionais, devido à fala do narrador, tem imagens emocionais, porque mostra cenas de mulheres mortas e feridas e cenas da reconstituição das palavras de Rania, onde tanto a imagem quanto o texto são emocionais. Esta também é o motivo da emoção demonstrada na cena cinco, que introduz a história de Rania ao documentário com imagens e textos emocionais. A cena 13, que narra a parte final da história de Rania, também é emocional devido às imagens do programa de televisão para onde Rania enviou sua carta.

Pela análise do conteúdo percebemos que os personagens Vizinha e Ahmed são os mais racionais, em contraponto com as personagens Rania e Asma, que são as mais emocionais. Além de analisarmos suas falas, observamos também os gestos, tom de voz e expressões faciais, o que nos fez perceber claramente quem se deixava levar mais pela emoção ou pela razão.

Segundo Chauí (2000, p.58) “a razão, enquanto consciência moral, é a vontade racional livre que não se deixa dominar pelos impulsos passionais, mas realiza as ações morais como atos de virtude e de dever, ditados pela inteligência ou pelo intelecto”. Neste sentido, as falas das personagens da Vizinha e Ahmed são profundamente racionais uma vez que ambos estão conscientes de que os crimes praticados são legítimos em nome da honra. Ahmed, apesar de dizer amar sua irmã, não se arrepende um minuto de tê-la matado. Por sua vez, a Vizinha de Rania diz que a família fez o certo quando a matou, pois esta tinha sujado a honra da família. O ato de Ahmed, contudo foi movido pela paixão, mas a convicção de que cometeu um crime em nome da honra da

família é racional. Sendo a antítese de razão, que seria a consciência e o pensamento, a emoção engloba egoísmo, agressividade, má-fé, crueldade, covardia, impulsos assassinos e tudo aquilo que perturba o juízo trazendo sofrimento e prazer. Foi por este aspecto da emoção que Ahmed estava tomado ao cometer o crime.

Em contrapartida, as personagens Rania e Asma apresentam depoimentos e expressões bastante emocionais e se deixam levar mais pela emoção que pela razão. Emoção pode ser tida também como paixões e sentimentos e apresentaria diversas variações como dor, amor, adoração, êxtase, irreflexão. Em Rania, notamos que todos os seus atos são provocados pelo amor e pela revolta contra as imposições e em Asma percebemos que esta coloca sua profissão como um instrumento de seus ideais: lutar contra a violência em relação à mulher. Rania e Alma, as vítimas dos crimes, tiveram o medo como uma das molas propulsoras para que fugissem de suas casa. O medo é um dos lados da emoção e é umas das sensações mais típicas, profundas e misteriosas do ser humano. Foi o medo de serem mortas que fez com que elas ficassem escondidas e o medo de serem infelizes fez com que elas fugissem em com o intuito de procurar a felicidade. O medo paralisa a vida e faz com que o ser humano fuja de tudo.

Os crimes de honra são uma prática comum em comunidades pobres que vivem sob a égide do islamismo, apesar de que estas práticas não estão nas escrituras sagradas do Islã, mas sim na tradição cultural do povo. A cada duas semanas uma mulher é morta por seus familiares que alegam defender a honra da família. No documentário que analisamos procuramos detectar a presença de razão e emoção por meio da análise do conteúdo, tendo em vista as categorias de análise duração, frase e imagem.

Analisando a duração, traçamos um perfil do que era cada personagem e se era mais racional ou emocional. Pelas frases, percebemos que a maior parte das falas é emocional, se considerarmos, além da própria frase, a expressão facial e o tom de voz. Já na categoria imagem, apesar da maioria ser racional, observamos a tendência emocional das cenas se levarmos em conta as expressões e falas dos personagens.

O documentário deixa claro um de seus objetivos: comover o público ocidental e alertá-lo sobre a situação de submissão e silêncio destas mulheres. São mulheres silenciadas por sua própria cultura e sociedade que, por um lado, permite a mulher estudar na universidade, onde adquire concepções próprias de seu mundo e, por outro, não deixa que esta mulher manifeste o que pensa e o que sente. As vítimas de crimes de honra têm um grito mudo em suas garganta que só será ouvido pela fuga, pelo "não" dito aos familiares e, por fim, pela morte.



É só na morte que estas mulheres tem voz e só pela morte que a sociedade desperta para a situação de crueldade que ela mesma criou. Todavia, por incrível que possa parecer a nós que vivemos alheios a situações como esta, os praticantes destes crimes e a sociedade onde vivem, não se arrependem de forma alguma do que acontece e, reproduzem suas concepções de honra cada vez que um novo crime é praticado, que mais uma mulher é morta, que mais uma voz é silenciada.

Considerações finais: em busca da compreensão da mulher muçulmana

O mundo globalizado tornou-nos mais próximos, mais noticiosos, mais ávidos por conhecimento. Hoje, sabemos que nosso mundo comporta uma diversidade de culturas muito além do que poderemos conhecer. Com a velocidade das informações, muitas delas inverossímeis, ficamos também mais desumanos, menos solidários, mais preconceituosos. De repente, todo morador de periferia virou bandido, todo árabe é um terrorista em potencial, toda mulher muçulmana é calada, inerte, propriedade, um “não ser”.

Ao mesmo tempo em que os estereótipos nos ajudam a entender o mundo, desobrigando-nos a pensar mais profundamente 24 horas por dia, o estereótipo potencializa o preconceito. “Taxar” é sempre mais simples que compreender. Após o 11 de setembro de 2001 e a proliferação de produtos culturais acerca do islamismo, gravamos em nossa mente uma visão distorcida da cultura islâmica.

Explicar o porquê preferimos a visão do “muçulmano mal” e da “muçulmana submissa” é tarefa impossível mesmo para os grandes estudiosos das Ciências Sociais. Contudo, arriscamos dizer que é o medo que nos impele a optar por tais estereótipos. O medo cala, emburrece, paralisa. Medo de ser atacado? Talvez, mas, provavelmente, é o medo de ficar fora das conversas. A solução para o medo é o conhecimento, ainda a melhor saída para os males.

Nossa concepção acerca da mulher muçulmana se forma da mesma maneira que criamos outras pérolas sem sentido. Quem já não ouviu, por exemplo, que o interior é atrasado e até disse, de forma bem romantizada, que o tempo passa mais lentamente no campo.

Em primeiro lugar, é preciso considerar as mulheres muçulmanas e não “a mulher muçulmana”. Essencialmente, são as diferenças culturais que determinam certos comportamentos e posturas que estamos acostumados a ver escancarados nas notícias. O véu, por exemplo, não significa que a mulher é submissa e não tem voz: o hijab faz que



elas sejam conhecidas pelo espírito e não pela aparência. O profeta Maomé pediu que as mulheres usassem o véu para esconder dos homens tudo aquilo que desperta o desejo, buscando evitar estupros e outras moléstias. Toda a beleza, a feminilidade e a vaidade devem se restringir ao marido e aos familiares. O véu é tão importante que não é à toa que muitos países, muçulmanos ou não, foram contra a proibição das meninas usarem o véu nas salas de aula das escolas públicas francesas. Podemos dizer que o véu é errado ou apenas diferente das ocidentais?

Quanto à repressão a estas mulheres, vale uma aproximação com a realidade dos ocidentais. É comum ouvirmos falar de muçulmanas apedrejadas ou vítimas de crimes de honra, assim como é comum mulheres apanharem do marido em todo o Ocidente para manter a estabilidade financeira ou com medo de punição por parte dos agressores. O problema é quando, como no caso das muçulmanas, associamos a violência à religião. Ninguém no Brasil diz que a mulher apanhou por causa dos costumes católicos ou protestantes. Por que fazemos tal associação nos países islâmicos? Casos de violência acontecem em todo o mundo e devem ser combatidos com afinco e, para que isso ocorra, é preciso conhecimento de causa.

Sagan (1996, p.39) ressalta a importância do conhecimento na sociedade:

Nós criamos uma civilização global em que os elementos mais cruciais- o transporte, as comunicações e todas as outras indústrias, a agricultura, a medicina, a educação, o entretenimento, a proteção ao meio ambiente e até a importante instituição democrática do voto- dependem profundamente da ciência e da tecnologia. Também criamos uma ordem em que quase ninguém compreende a ciência e a tecnologia. É uma receita para o desastre. Podemos escapar ilesos por algum tempo, porém mas cedo ou mais tarde essa mistura inflamável de ignorância e poder vai explodir na nossa cara.

Mais uma vez, é preciso ressaltar o papel das raízes culturais no comportamento social dos povos. Entre Egito, Turquia, Marrocos e Nova Iorque podemos notar diferenças latentes entre as muçulmanas. No Egito, as vestimentas são mais resguardadas e as mulheres não vêm com bons olhos turistas desacompanhadas de homens (como era nosso caso). Nem por isso, as mulheres deixam de tomar banho de mar com suas vestimentas, existindo inúmeras cabines na praia para que elas possam se trocar. Parece contraditório que o mesmo Egito de Cleópatra e Nefertiti agora abrigue mulheres que chamamos de submissa. Local de turismo para os árabes mais ricos, era comum vermos nos hotéis egípcios mulheres completamente cobertas por ricos tecidos e carregando bolsas Gucci e Louis Vitton.



Já na Turquia, encontramos mulheres sem véu, vestindo calça jeans e blusinha regata no centro de Istambul. Contudo, vale lembrar que as turcas saíram às ruas em 2003 quando o governo sugeriu a abolição forçada do véu. No Marrocos, o véu predomina e parece haver maior resguardo. Nestes três países, as mulheres têm direito a voto, divórcio e herança.

Em Nova Iorque, as muçulmanas pobres encontram-se em bairros periféricos e estão estigmatizadas pela população local, ao passo que as árabes ricas gastam fortunas em cosméticos, bolsas, roupas e sapatos em lojas finas como a Saks 5th Avenue. Pelas experiências de viagens, é possível apontar que as diferenças não ocorrem baseadas na religião e sim na condição social. O mesmo problema que assola o resto do mundo: o pobre ainda não tem meios para reivindicar, mostrando que a globalização ainda é restrita.

As diferenças culturais dos países de maioria islâmica têm raízes em diversos fatores, não somente na religião, e devem ser compreendidas e respeitadas. Poucas brasileiras gostam de ouvir no exterior que no Brasil todo mundo anda sem roupa...as muçulmanas também devem ficar indignadas ao ouvir que são submissas.

Referências bibliográficas

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

DINES, Alberto. "'Pathos', paixões". 2 de setembro de 2000. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq0509200092.htm> - Consultado em 25 de maio de 2006.

LEBRUN, Gérard. O conceito de paixão. In: *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 17-33.

SAGAN, Carl. Ciência e esperança. In: *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 38-53.

SILVA, Marconi Oliveira da. Wittgenstein e o enfeitamento da realidade pela linguagem jornalística. *Rev. Bras. de Ciên. da Com.*, S. Paulo, vol. XXII, nº 2, jul./dez. 1999. pág. 109-119.

WIMMER, Roger D. e DOMINIK, Joseph R. *Mass media research*. 2. ed. Belmont (Calif): Wadsworth Publishing, 1987. Tradução livre de Márcia Perencin Tondato.